

*Os Amores  
de Salazar*

Felícia Cabrita

*Os Amores  
de Salazar*

prefácio de  
Diogo Freitas do Amaral

a esfera  dos livros

A Esfera dos Livros  
Rua Garrett, n.º 19 – 2.º A  
1200-203 Lisboa – Portugal  
Tel. 213 404 060  
Fax 213 404 069  
[www.esferadoslivros.pt](http://www.esferadoslivros.pt)

Distribuição: Sodilivros, SA  
Praceta Quintinha, lote CC4 - 2.º Piso R/c e C/v  
2620-161 Póvoa de Santo Adrião  
Tel. 213 815 600  
Fax 213 876 281  
[geral@sodilivros.pt](mailto:geral@sodilivros.pt)

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

© Felícia Cabrita, 2006  
© A Esfera dos Livros, 2006

1.ª edição: Outubro de 2006

Capa: Paulo Condez  
Fotos da capa: Felícia Cabrita  
Foto da autora: Jorge Nogueira

Paginação: Gráfica 99  
Revisão: A Esfera dos Livros  
Impressão e acabamento: Tilgráfica

Depósito legal n.º 248537/06  
ISBN 989-626-034-6

# ÍNDICE

Prefácio	11
Introdução	25
I Felismina Oliveira – O primeiro amor de Salazar	27
II As façanhas de um «Troca-Tintas»	61
III Júlia Perestrelo –A fugaz paixão de um explicador	71
IV Maria Laura Campos – Um amor fatal e pecaminoso	79
V Maria Emília Vieira – a Astróloga fiel	99
VI Maria de Jesus Caetano Freire – A Governanta de Portugal	119
VII Carolina Asseca – O raio de luz que atingiu Salazar	135
VIII Christine Garnier – «A única mulher que o fez perder a cabeça»	143
IX Maria da Conceição Santana Marques – o Amor platónico	159
X Mercedes de Castro Feijó – Uma relação de conveniência	175
Conclusão	187
Cronologia	191
Bibliografia	195

*Contribuíram para este trabalho:*  
Cónego Barreiros, Dr. Manuel Oliveira, Dr. João Oliveira,  
Dr. João Lacerda, Dr. José Azeredo Perdigão,  
Embaixador Rui Brito e Cunha, Embaixador Leonardo Mathias,  
Eng. Miguel Pais do Amaral, Eng. Augusto Ramalho Rosa,  
Vera Franco Nogueira, Eng. Santana Marques, Conde de Anadia,  
Helena Amaral, Armando Alves, Luís Melo, David Alves,  
José Duarte Ribeiro, Zezita Lopo, José Figueiras,  
Maria Arminda Lacerda, Maria de Jesus Alves, Alcino Alves,  
Mário Augusto Braga, José Lopo Castro Feijó,  
Maria Teresa Bebiano Correia, Maria José Mariani, Maria Ester Paiva,  
Manuel Novais, Maria do Carmo Carmona, Fernando Abreu,  
Maria Alice Azeredo Perdigão, Maria Luísa, Figueiredo, Maria do Céu,  
Isabel Reis, Armando Cortez, Odete Ribeiro, Eduarda de Jesus,  
Elisabete Pires, Maria da Conceição Rita (Micas), Maria Antónia,  
José Neves da Silva, Francisco Eduardo (Paco).

*Agradecimentos ainda são devidos ao Expresso, ao arquivo do Diário de Notícias, ao Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, Arq. José António Saraiva, Luiz Carvalho e Dr. Leonel Gonçalves.*

## PREFÁCIO

Conheci Felícia Cabrita após o 25 de Abril de 1974. Era jornalista do *Expresso*. Mas, depois de alguns trabalhos avulsos, cedo descobriu a sua verdadeira vocação – a do «jornalismo de investigação». Mais lento, mais profundo, mais minucioso, tenta descobrir o que os interessados querem ocultar, conta histórias até aí desconhecidas, revela situações irregulares ou ilegais, denuncia crimes. É essa a grande especialidade – e a arte – de Felícia Cabrita. O país nunca lhe agradecerá suficientemente tudo o que fez e descobriu para pôr a nu, à luz do dia, o escândalo da Casa Pia – que continua, arrastadamente, a ser julgado, ainda no tribunal da 1.<sup>a</sup> instância.

Desta vez, Felícia Cabrita decide pesquisar a fundo a verdade escondida sobre *Os Amores de Salazar*. Tal era a força da propaganda (e da censura) que o chefe do Governo – que mandou neste país durante 40 anos seguidos – foi sempre considerado como um homem austero, virtuoso,

casto, e que se manteve solteiro porque se tinha «casado com a Pátria».

Foi, assim, uma verdadeira bomba a revelação feita após o 25 de Abril pelo Embaixador Franco Nogueira, na sua biografia de Salazar – de quem fora Ministro e continuava convicto apoiante e defensor: ao contrário da imagem forjada pelo aparelho de propaganda do regime, Salazar tivera várias mulheres na sua vida e, pelo menos com algumas delas, os seus amores nada tinham de platónico: foram, na realidade, carnavais.

Os salazaristas mais ferrenhos não acreditaram; os próceres da esquerda evitaram falar do assunto, porque a nova faceta revelada do Ditador o tornava mais humano, menos «semi-deus», mais próximo das concepções esquerdistas do «amor livre»; a Igreja Católica, profundamente embaraçada, permaneceu em silêncio; e a maioria dos portugueses, acreditando no segredo revelado, pensou para com os seus botões. «Olha para ele, hã? Solteiro e bom rapaz!»

Passaram trinta anos. Felícia Cabrita volta ao tema. Faz uma investigação séria e desenvolvida. Encontra milagrosamente documentos únicos, de valor probatório inestimável. E acrescenta, pelo menos, três grandes novidades ao facto «insólito» revelado por Franco Nogueira:

- A primeira é a história desenvolvida (e às vezes longa) das relações amorosas de Salazar com as 3 ou 4 mulheres que Franco Nogueira mencionou no seu livro;

- A segunda é a revelação (pela primeira vez, creio eu) de que, além dessas mulheres, houve pelo menos outras tantas, ou mais, que no seu conjunto compõem uma extensa lista de cerca de uma dezena de casos amorosos na vida do Presidente do Conselho;

– E a terceira, porventura a novidade mais profunda e subtil, é a reprodução de numerosos trechos das «cartas de amor» escritas pelo punho de Salazar às suas apaixonadas, o que permite um estudo psicológico muito interessante (a que a Autora não foge) de um homem que ama e gosta de ser amado, mas mantém as suas conquistas a uma certa distância, provavelmente para não se deixar envolver demasiado e, desse modo, não perder nunca o controlo das situações.

Tudo isto fica agora posto inteiramente às claras pelo livro de Felícia Cabrita, que consegue o feito de ir muito mais longe, e muito mais fundo, do que o do Embaixador Franco Nogueira.

Está, pois, a Autora de parabéns!

Já todos sabíamos que António de Oliveira Salazar era uma personalidade muito complexa, multifacetada e assente em várias contradições.

Professor universitário prestigiado durante apenas uma escassa quinzena de anos, foi político e governante 40 anos seguidos. Católico militante, defendeu os direitos do Estado perante a Igreja com a maior firmeza, teimosia e laicismo; apreciador da cultura e civilização europeia, só foi uma vez a Paris, detestou viajar e nunca mais repetiu a experiência; ultramarinista convicto, nunca visitou ou pensou visitar qualquer das colónias portuguesas; chefe político supremo do país, nunca aceitou ser Presidente da República e arriscou sempre ter alguém acima dele com o poder constitucional de o demitir; antidemocrático convicto, insistia em fazer eleições legislativas de 4 em 4 anos e presi-

denciais de 7 em 7; formalmente apoiado apenas na confiança pessoal do Presidente da República e no apoio político do Exército, teceu cuidadosos pactos confidenciais com a Igreja Católica, com as Forças Armadas, com a Maçonaria<sup>1</sup> e com os Monárquicos, a quem ia deixando entrever que um dia poderia fazer uma restauração monárquica (como fez Franco em Espanha) mas nunca deixou pôr em causa a República, era nacionalista como Franco e corporativista como Mussolini, mas não totalitário como Hitler, e (ao contrário dos três) nunca aceitou aparecer fardado; gostava do aplauso delirante das multidões, mas discursava-lhes como um professor a dar a sua aula e nunca apelava à demagogia; acreditava na doutrina católica da indissolubilidade do casamento, mas insiste até ao fim para que na Concordata de 1940 se mantenha a possibilidade do divórcio para os católicos<sup>2</sup>; fundou e montou, de alto a baixo, um regime corporativista, mas nunca o levou até ao fim, como pediam insistentemente os adeptos de tal fórmula; apoiado por toda a oligarquia financeira do país, viveu e morreu pobre como nasceu; foi implacável com a desobediência dos funcionários e com a actuação dos que lutavam pelo derrube do regime, mas era de uma requintada sensibilidade diante do sofrimento de amigos ou conhecidos; estabeleceu e dirigiu pessoalmente a censura à imprensa, mas deixou considerável margem de liberdade crítica ao diário *República*, em Lisboa, ao *Jornal do Fundão*, no distrito de Castelo Branco, e ao *Diário do Funchal*, na Madeira, todos

---

<sup>1</sup> Através do Presidente da República, General Carmona.

<sup>2</sup> Revelado por Manuel Braga da Cruz, *O Estado Novo e a Igreja Católica*, Edição Bizâncio, Lisboa 1998, pg. 81 a 88.

de esquerda e adversários do Estado Novo; instalou e fortaleceu uma severa polícia política, mas nunca foi ao ponto de nomear comissários políticos para os quartéis, para as escolas ou para as universidades; procurou sempre prender os seus mais perigosos inimigos, mas não praticava o assassinato político<sup>1</sup>; enfim, foi de uma ambiguidade extrema (e hábil) na primeira fase, ainda incerta, da Segunda Guerra Mundial, e só se aproximou da Inglaterra e dos EUA quando se tornou claro que Hitler estava perdido.

De todos os grandes ditadores do século xx, não há um único – nem na extrema-direita, nem nos regimes comunistas – que se assemelhe a estes traços característicos de Salazar: o universitário político, o católico ativo perante a Igreja, o monárquico que consolida a República, o apreciador de multidões que não as excita nem se excita com elas, o militarista que nunca veste uma farda, o europeu que não gosta de viajar pela Europa, o defensor intransigente do Ultramar português que não conhece uma única província ultramarina, o Chefe todo-poderoso que vive apenas do seu magro vencimento e, ainda assim, todos os meses dá o que sobra em esmolas a instituições de caridade e sai do Governo tão pobre como entrou, enfim, o Ditador que, sem qualquer guarda pretoriana, triunfa de todas as tentativas de assassinato, golpe militar ou anarquismo terrorista – e, ao fim de 40 anos de poder ininterrupto, morre tranquilamente na sua cama, sem que à notícia do seu falecimento se siga

---

<sup>1</sup> O testemunho de Ivone Perestrelo Cavaco, citado por Felícia Cabrita no capítulo IX deste livro, parece-me corresponder à verdade: a PIDE matou Humberto Delgado, mas sem prévio conhecimento ou autorização de Salazar. Aliás, se este fosse pessoa para mandar matar os inimigos mais perigosos do Regime, tê-lo-ia feito com muito mais forte razão relativamente a Álvaro Cunhal.

em nenhum ponto do país qualquer manifestação de júbilo por parte dos seus mais ferozes inimigos.

Que espécie de homem é este? Um professor universitário que procura realizar o velho sonho, preconizado por Platão, do «Rei-filósofo»? A encarnação viva do «Príncipe» de Maquiavel, que aconselhava os governantes «a fazer o bem sempre que possível, e o mal sempre que necessário»? Um ditador moderado, que procura concretizar o ideal, difuso na consciência colectiva de um povo predominantemente rural, do «bom tirano», paternalista e sério feitor da quinta?

Nenhuma destas qualificações se ajusta plenamente a Salazar. Tudo, nele, é diferente, singular, *sui generis*.

Se, na vida pública, Salazar é um fenómeno único e irrepetível, as mesmas características complexas, multifacetadas e muitas vezes contraditórias marcam, de forma evidente, irrefutável, claríssima, a sua vida privada.

Tem família – irmãs, sobrinhos, parentes –, mas raramente os vê, e não festeja com eles o Natal, nem a Páscoa, nem o dia do seu aniversário natalício.

Tem muito poucos amigos – e mantém-nos quase todos à distância, para não ser influenciado por outrem ou amolecido pela força especial da amizade.

Não tem muitos conselheiros pessoais – e, mesmo assim, quando decide ouvi-los, nunca chama o mesmo grupo.

Católico, consta que a partir de meia idade terá mesmo perdido a fé, o que já fora anunciado por um testemunho citado por Felícia Cabrita (capítulo II) enquanto professor de Coimbra.

Como ele próprio disse de si, num discurso em acto público, «o Presidente do Conselho é um homem frágil, mas nunca está doente».

Convidado para todos os grandes casamentos e festas dos magnatas do Regime, não vai a nenhuma.

Podendo escolher qualquer palácio ou monumento nacional para passar férias, é sempre na sua pequena e modesta casa de Santa Comba Dão, ou no Forte de Santo António no Estoril, que se refugia para descansar ou meditar.

Confia a administração doméstica, em Lisboa, a uma governanta trazida de Coimbra, que o adora, mas não lhe consente qualquer intimidade, e – contra a voz corrente – ela morre virgem.

Recebe na sua residência oficial de S. Bento duas ou três jovens raparigas que trata como afilhadas ou protegidas, mas não tem nunca com elas «flirts» ou namoros, nem muito menos qualquer acto de natureza sexual. Elas são, no plano da mais sã afectividade, o sucedâneo das filhas ou netas que nunca teve.

Enfim, ao mesmo tempo que promove uma intensa e eficaz campanha de imagem – que o apresenta ao país como um homem solteiro, casto, sem proximidades com as mulheres, todo devotado dia e noite ao Bem Comum, e casado com a Pátria –, eis que um dos seus melhores ministros e mais incondicionais seguidores e admiradores, Franco Nogueira, levanta a ponta do véu que encobria, durante toda a vida do Chefe solitário, «a nudez crua da verdade»: Salazar teve uma vida amorosa longa, intensa e variada; foi um homem de mulheres; cometeu repetidamente o «pecado da carne».

E não teve preconceitos de classe: desde Felismina, oriunda de um meio rural e pobre, a Glória Castanheira, já com

posses e figura relevante na sociedade coimbrã, à rica, extravagante e «coquette» Maria Laura, em Lisboa, a uma bela e sedutora jornalista da classe média francesa, vinda de Paris, Christine Garnier, até duas belezas da mais nobre aristocracia portuguesa – Carolina Asseca e Mercedes Feijó –, Salazar por todas se apaixona e com quase todas se deita na cama.

Curiosamente, ou não, à medida que ele vai subindo na vida, as suas mulheres – todas inteligentes – vão pertencendo a uma classe cada vez mais elevada: o elenco vai da camponesa dos meios rurais à estrela social da terceira maior cidade do país, desta passa para a média e alta burguesia – incluindo uma astróloga! –, para terminar com o «glamour» especial das aristocratas de sangue azul.

À boa maneira portuguesa antiga, é ele quem se apaixona e se declara primeiro: ainda não tinha chegado a época que consente hoje às mulheres, se o quiserem fazer, tomar a iniciativa.

Os romances são longos, não são encontros passageiros: há neles diálogo intelectual, por vezes cumplicidade política, mas sobretudo afecto, carinho e apelo à sensibilidade feminina. Na maioria das situações, a relação carnal completa a relação afectiva.

Os casos conhecidos (e não haverá mais?) são bastantes, cerca de uma dezena: mas, em regra, são sucessivos, não são simultâneos. Há amor livre, mas não há promiscuidade (salvo, porventura, uma excepção). O Ditador de uma só doutrina, ao longo de meio século, é no plano amoroso um homem de fidelidades múltiplas.

Embora o calendário não esteja ainda apurado com detalhe, tudo leva a crer que Salazar só se isola por completo,

fugindo às seduções femininas, nos três períodos mais difíceis do seu longo consulado: a guerra civil de Espanha, a Segunda Guerra Mundial, e as guerras no Ultramar. De 1936, início da primeira, até 1945, termo da segunda, o Chefe do Governo está dia e noite ao leme da nau do Estado, e não deixa que nenhum «affaire» o distraia no meio da grande tormenta. Mas, passado o perigo, tudo regressa à normalidade: o romance com Carolina Asseca começa logo em 1946!

Após a leitura do tão interessante e esclarecedor livro de Felícia Cabrita, três perguntas nos acorrem ao espírito:

– Como foi possível manter todos estes casos amorosos (alguns com encontros públicos em pleno Chiado) na mais absoluta ignorância dos Portugueses, até bem depois da morte do protagonista?

- Como se explica que um seminarista, que quase chegou a padre, católico, austero, isolado, não frequentador de festas nem de bares ou «night-clubs», tenha tido uma vida amorosa tão intensa, tão sensual, tão livre?

– Porque é que Salazar, com tantas pretendentes (e quase todas por ele experimentadas a contento), nunca casou? Não era esse o hábito da esmagadora maioria dos homens portugueses?

A primeira pergunta já ficou respondida mais acima: o que impediu em absoluto a divulgação da sua vida privada foi o poder da propaganda e a barreira intransponível da censura. A primeira, no entanto, era bem mais difícil de realizar com plena eficácia do que a segunda, que só precisava do lápis azul. É muito curioso que Oliveira Salazar – um académico e intelectual – tenha sido capaz, desde os

anos 30 do século XX, de manipular tão eficientemente as mais sofisticadas técnicas de propaganda, só mais tarde apuradas e desenvolvidas. E assim conseguiu fazer durar o véu que escondia a sua vida privada durante 40 anos!

À segunda pergunta é preciso responder com mais detença.

Para começar, convém ter presente que a intensidade da vida amorosa de Salazar correspondeu, sem dúvida alguma, a uma inclinação natural que é própria do ser humano: a necessidade de satisfazer a apetência sexual é tão natural – isto é, tão conforme à Natureza – como a necessidade vital de respirar, de comer, de beber ou de dormir. E, à parte algumas exceções, manifesta-se na grande maioria dos indivíduos, sejam homens ou mulheres, sejam casados ou solteiros, e até em muitos que fizeram voto de castidade.

Que Salazar sentiu, e de forma avassaladora, a força irresistível da sua libido, fica desde logo provado com o que se passou com Felismina: ela foi, não só o seu primeiro amor, mas a grande razão pela qual, apesar de ter concluído o curso do Seminário, Salazar desistiu de ser padre.

A mesma apetência amorosa e sexual manteve-se quase constante até depois dos seus 60 anos: o presente livro conta todos os casos descobertos, um por um.

Era Salazar um D. Juan? Não creio. A figura literária e mítica dos verdadeiros D. Juan faz deles homens cujo maior prazer é a conquista, a sedução e a entrega de uma mulher. Obtida essa satisfação, passam logo a procurar outra e votam as anteriores ao abandono. Ora, Salazar não era assim: ficou a corresponder-se ou a reencontrar-se a vida inteira – ou por períodos longos – com Felismina, com Glória Castanheira,

com Maria Laura, etc. E, mesmo terminada a relação sexual, ficava o afecto, a amizade ou o «flirt» – incluindo sob a forma mais comprometedora, a das cartas dele para elas.

Temos, pois, de concluir que, apesar de todas as aparências, Salazar foi toda a sua vida um homem com forte tendência libidinosa – o que, na linguagem vernácula do nosso Povo, tem vários nomes: «pinga-amor», «femeeiro», «mulherengo», etc.

Subsiste, porém, uma dúvida: como conciliava Salazar este seu modo de ser com os preceitos contrários da doutrina católica? Enquanto foi crente e praticante da sua religião, sentiu decerto que pecava e ter-se-á eventualmente confessado. Mas, se for verdade que perdeu a fé, ou pelo menos deixou de a praticar, os problemas de consciência desapareceram.

Ou, então, António de Oliveira Salazar foi, em princípios e meados do século XX, um precursor daquilo em que, nos finais desse século e no início do actual, se tornou a maioria dos católicos europeus – isto é, pessoas que, sem perderem a fé, excluíram do âmbito dos deveres religiosos tudo quanto respeita ao amor e ao sexo.

Terceira questão: porque não casou Salazar, como fazia a grande maioria dos homens do seu tempo?

Aos que explicavam o facto por ele ter «casado com a Pátria», para assim devotar todo o seu tempo aos assuntos da governação, podemos responder que ou mentiam para fins de propaganda política ou eram lunáticos fora da realidade. Com efeito, vê-se no presente livro que ele conseguia arranjar tempo suficiente para os seus muitos

casos amorosos, e até para escrever longas cartas às «namoradas» mais antigas. Por outro lado, uma tal explicação cai por terra se verificarmos que quase todos os grandes estadistas ocidentais do tempo de Salazar foram casados – De Gaulle, Churchill, Adenauer, Roosevelt, Truman, etc. Mesmo os outros ditadores da época (Franco, Hitler, Estaline) foram todos casados.

Não foi, pois, essa a razão.

Restam apenas, que me ocorram, duas explicações possíveis.

Uma é a da força do destino: Salazar nunca casou porque não teve a sorte de encontrar a mulher ideal; por isso se ficou pelos casos amorosos avulsos.

Esta explicação não convence, pois Salazar encontrou de facto a mulher ideal – Carolina Asseca –, a quem distinguia duradoira e visivelmente em público, nas recepções e banquetes oficiais. Estiveram praticamente noivos. E tanto a família dela como os maiores do Estado Novo levavam muito em gosto esse casamento, que era como um conto de fadas – do jovem pobre da aldeia rural, que sobe sozinho e a pulso na vida, e que no auge da fama e do poder casa com uma bela mulher da melhor aristocracia!

Mas, se estiveram praticamente noivos e não o escondiam a ninguém, porque é que acabaram por não casar?

Carolina Asseca, segundo um testemunho recolhido por Felícia Cabrita (capítulo VII), talvez para se defender do que sofreu por ter sido rejeitada, terá dado a entender que foi ela que não quis o casamento: «Havia de certeza medo dele e da corte envolvente» (em relação a ela). Mas, se tivesse sido ela a recusar o casamento, não teria escrito, anos depois, uma carta a Salazar em que confessava manter «o meu amor por

si» e lamentava dolorosamente «o que tenho sofrido, o que sofro e o que terei de sofrer» (por não ter casado com ele).

A minha explicação é outra. É preciso ler aquela primeira frase de Carolina Asseca ao contrário: foi Salazar que teve medo dela e da influente família a que ela pertencia.

Teve medo dela, porque não queria – à luz da sua concepção do exercício solitário do Poder – ser influenciado pela mulher na governação, ou partilhar com ela as suas dúvidas ou ponderações políticas.

E teve medo da grande e poderosa família dela, porque, casando com ela, ficava sujeito a influências, a pressões e aos muitos pedidos (de emprego, de promoção, de casa) que chovem sempre sobre os governantes. E ele não queria ser obrigado a aceitá-los, nem a estragar um bom casamento por teimosias desse tipo.

Não foi, portanto, Carolina que rejeitou Salazar: foi Salazar que rejeitou Carolina. O Poder, para ele, ou era absoluto, ou não era Poder. A razão de Estado venceu a força do amor e a intensa atracção de possuir um lar feliz.

Resultado: Carolina ficou destroçada; Salazar continuou a governar, sozinho, por mais 20 anos; e voltou aos casos amorosos pontuais – sempre com prazer, mas nunca com compromissos.

Termino como comecei, com os meus sinceros parabéns a Felícia Cabrita por este livro que agora trouxe a lume, e que logrou alcançar o que a todos parecia impossível – ir mais longe do que os 6 volumes de Franco Nogueira, num aspecto essencial, e escondido, da vida e da personalidade de Salazar.

Um dia haverá condições objectivas, e de distanciamento temporal, que permitirão retratar fielmente esse homem de Estado que nos governou em ditadura pessoal durante quase meio século. Livros como este ajudarão muito os futuros historiadores imparciais.

DIOGO FREITAS DO AMARAL

Outubro de 2006

## INTRODUÇÃO

### O outro lado de Salazar

Caro leitor

A base deste ensaio foi publicada em 1999, sob o título de *Mulheres de Salazar*, a partir de um artigo do semanário *Expresso*, de 1998. Continuei a investigação sobre este tema. Surgiram novos documentos, fotos e, sobretudo, novas histórias. António de Oliveira Salazar não era, definitivamente, um misógino. Talvez fosse um misantropo.

Esgotadas duas edições sob a chancela da Editorial Notícias, publico agora uma nova obra enriquecida por estes anos de investigação.

O prefácio, gentilmente realizado pelo professor Diogo Freitas do Amaral, justifica-se por duas razões: conheceu por dentro o regime deposto pela revolução de Abril e foi uma das fontes da reportagem inicial.

O livro leva agora um título mais ousado: *Os Amores de Salazar*. É que o homem de Santa Comba era um ditador,

manipulava as suas relações femininas e masculinas, mas também se apaixonava. As origens do mal totalitário, ao contrário do que pensavam as esquerdas tradicionais portuguesas, republicanas ou comunistas, que quiseram convencer-nos de que só elas é que se divertiam, têm de ser procuradas noutra lado. Mas por certo não serão encontradas na comprovadamente falsa misoginia, tão propagandística como os preconceitos dos seus inimigos políticos, que o retratam como um autocrata católico, rural e conservador.

FELÍCIA CABRITA

Lisboa, 20 de Setembro de 2006